

ESPAÇO E MEMÓRIA: representações sobre a cidade nas crônicas de Lycidio PaesRegma Maria dos Santos¹

regma.santos@gmail.com

Resumo: Estas reflexões têm como objetivo focar as representações construídas por meio das crônicas escritas ao longo do século XX por Lycidio Paes em diversos jornais do interior de Minas sobre o espaço da cidade e a memória de seus habitantes. Essas crônicas versam sobre as transformações urbanas pelas quais passaram algumas cidades do interior mineiro. As crônicas constituem uma memória tecida cotidianamente, e nos permitem compreender as alterações pelas quais passam os sentidos dos homens que habitam as cidades com a inserção dos novos ritmos ditados pela modernidade. Os meios técnicos de comunicação como o rádio, o cinema, a televisão, o carro, passam a fazer parte de uma sociedade que se transforma e desencadeia novas atitudes e hábitos dos homens que viveram em meados do século XX. Do estranhamento à acomodação esses meios reformularam a paisagem urbana e imprimiram novas relações de trabalho e lazer, no espaço público e privado.

Palavras-chave: Cidade. Memória. Crônica. Século XX. Paisagem urbana.

SPACE AND MEMORY: representations of the city in the Lycidio Paes' Chronicles

Abstract: These reflections are intended to focus on the representations constructed by the chronicles written during the twentieth century by Lycidio Paes in several newspapers in Minas on the area of the city and the memory of its inhabitants. These chronicles tell about urban transformations through which passed some cities in Minas Gerais. Understanding that the chronicles were a memory woven every day so, we want emphasizing the changes in which the senses are the men who live in the cities with the addition of new rhythms dictated by modernity. The technical means of communication such as radio, film, television, car, become part of a society that turns and unleashes new attitudes and habits of men who lived in the mid-twentieth century. The strangeness of accommodation such means reshaped the urban landscape and printed new working relationships and leisure, in public and private sectors.

Key-words: City. Memory. Chronic. Century XX. Urban landscape.

Introdução

O presente texto tem como objetivo analisar as representações construídas pelo cronista e jornalista Lycidio Paes sobre o espaço da cidade e a memória de seus habitantes. Este autor escreveu ao longo do século XX em diversos jornais do interior de Minas e Goiás. Essas crônicas versam sobre as transformações urbanas pelas quais passaram as cidades do interior mineiro. Compreendendo que as crônicas constituem uma memória tecida cotidianamente, pretendemos, a partir dessas, enfatizar as

¹ Professora do Departamento de História e Ciências Sociais da UFG/CAC, Professora colaboradora do Mestrado em Teoria Literária da UFU-MG.

alterações pelas quais passam os sentidos dos homens que habitam as cidades com a inserção dos novos ritmos ditados pela modernidade.

Lycidio Paes fundou, dirigiu, e escreveu em diversos jornais do interior de Minas e Goiás. Além da atividade jornalística, conseguiu como poeta publicar alguns livros, mas não se sobressaiu com a poesia, como era seu desejo. Na verdade, sua luta com a palavra encontrou, no espaço do jornal, sua verdadeira arena.

Apesar de ser bastante crítico com relação à atividade do cronista que trava um embate às vezes desleal com o tempo, o que influencia na qualidade do que produz, Lycidio Paes não se furtou em valorizar sua produção. Sua humildade não afetava seu estilo polêmico, mas o forçava, por alguns momentos, a considerar exagerados os elogios que recebia. Dentre esses, o de “príncipe dos jornalistas”, “patrimônio humano da cultura local”, “Assis Chateaubriand do Brasil Central”, dentre outros. No entanto, concordamos que suas reflexões possibilitam a compreensão de um período da história que passou por constantes transformações.

Os meios técnicos de comunicação como o rádio, o cinema, a televisão, o carro, passam a fazer parte de uma sociedade que se transforma e desencadeia novas atitudes e hábitos dos homens que viveram em meados do século XX. Do estranhamento à acomodação esses meios reformularam a paisagem urbana e imprimiram novas relações de trabalho e lazer, no espaço público e privado.

No final dos anos de 1950 o cronista comenta o crescimento vertical da cidade de Uberlândia, que começa a construir os primeiros arranha-céus, que são, na verdade, edifícios de 8 a 16 andares. As comparações com outros prédios são feitas pelo cronista por meio da fotografia: "Vi há poucas semanas a fotografia de um colosso que se ergue em New York. Tem apenas 60 pavimentos, parecendo mais um desafio à imaginação humana do que uma obra destinada à habitação" (PAES, 1958, p.2-3).

Sobre as mudanças ocorridas nesse período, o cronista exclama que ninguém seria capaz de supor, na época em que carros de boi penetravam na zona urbana trazendo mercadorias de Goiás, que houvesse uma transformação e uma evolução tão rápida na vida citadina. Mas, pondera que essa evolução não foi apenas uberlandense ou brasileira, mas mundial. "E os seus fatores mais importantes foram as

duas guerras que a mesma geração assistiu, ou melhor, de que participou” (PAES, 1958, p.2-3).

Em sua crônica “Homens e Casas”, Lycídio Paes (1969, p.3) comenta a resistência de certas casas à picareta demolidora da evolução. A existência dessas casas permite recordar as personalidades de outras épocas. Mas, afirma o cronista, Uberlândia já quase não possui prédios dessa espécie.

A construção de arranha-céus e de casas tem gerado na cidade uma renovação constante, afirma o cronista. Citando como exemplo o Banco de Crédito Real, situado à Av. Afonso Pena, Lycídio Paes refere-se à necessidade de destruir prédios semi-novos para construção de outros no mesmo lugar, com a mesma finalidade. Chama atenção ainda para o fato de que essa agência foi a primeira a ser inaugurada na cidade. O cronista apela para o fato de que manter algumas dessas casas é fundamental para a reconstituição de um patrimônio histórico, mas o progresso exige a “devastação simbólica das lembranças e dilui os pruridos do sentimentalismo” (PAES, 1969, p.3).

Numa tentativa de rememoração, o cronista refere-se à propriedade da família Cotta Pacheco, no início da Av. João Pinheiro, e que, nessa época, admira ainda estar de pé. Outra casa, esta jogada por terra, é a em que residiu e aonde veio a falecer Antonio Vieira Gonçalves. A casa era antiga, o reboco caía, as portas e as janelas estavam apodrecidas, as telhas enferrujadas, mas a existência da casa fazia-o lembrar de seu dono cada vez que por lá passava.

Vieira Gonçalves tornou-se um nome esquecido para novas gerações, mas é sempre importante relembrar o papel de relevância que esse ilustre uberlandense representou em 1918, quando a gripe espanhola invadiu o país inteiro, constata o cronista. Na cidade, ainda chamada de Uberabinha, não havia médicos, ou se omitiram ou adoeceram, essa é a versão do cronista. Mas, sobre Vieira Gonçalves, que era apenas farmacêutico, recaiu o trabalho de atender a toda população.

Não havia automóvel nessa época, a maioria dos habitantes era pobre, mas, superando as dificuldades, o farmacêutico atendia os pacientes em suas próprias casas, chegando a levar-lhes medicamentos. Também sujeito ao contágio da doença, Vieira Gonçalves não se esquivou de sua tarefa, ficando sem horários para dormir,

levantar ou se deitar, e até mesmo se alimentar. Sua tarefa foi concluída com os bolsos vazios.

Seus filhos receberam como herança não somente a casa, mas seus exemplos de honra. Segundo ele, a casa virou tapera e foi destruída, mas as imagens que dela guardou permitem ao cronista rememorar e invocar a memória de um cidadão que não se esquivou de sua função humanitária. Ao citarmos essa crônica temos, como objetivo, discutir a questão da memória em lugares distintos. O cronista chama atenção para a importância das casas, como referência de memória, já que são espaços de relação dos homens com a sociedade onde vivem, onde exercem suas atividades e constroem sua história.

Castelo Branco em interessante estudo sobre as representações literárias em Teresina aponta que havia, em finais do século XIX e início século XX, uma relação interativa entre a casa e a rua. As janelas e portas eram abertas para fora. “As pessoas penetravam nas residências vizinhas, sem muita cerimônia, sem se fazer anunciar previamente, sem avisar de sua entrada e não percebiam nisso nenhuma inconveniência, nem uma transgressão das normas sociais de convivência” (CASTELO BRANCO, 2008, p.80).

Outra alusão de Lycídio Paes a um lugar de memória é, portanto, o próprio homem, que pode contar, insinuar, revelar – através da rememoração, fatos a que assistiu ou que acompanhou, experiências que vivenciou, trazendo-as à tona.

Podemos considerar que outro lugar privilegiado de memória é o próprio jornal, e mais especificamente, a própria crônica, na qual é possível relatar, escrever, descrever, analisar, todas as outras referências de memória acima citadas.

Em seu texto A poética do espaço, Gaston Bachelard expõe como problema a poética da casa, afirmando haver um sentido em tomar a casa “como instrumento de análise da alma humana”. E ainda complementa “Não apenas nossas lembranças, mas também os nossos esquecimentos estão ali ‘alojados’. (...) Vemos logo que as imagens da casa seguem dois sentidos: estão em nós assim como nós estamos nela” (BACHELARD, 1974, p.355, grifos do autor).

Bachelard considera a casa como nosso primeiro universo, um cosmo, que é, por isso, nosso canto no mundo. Mas a casa não pode ser vista apenas em sua

dimensão concreta e real, mas também em sua virtualidade, por meio dos pensamentos e dos sonhos.

Ao descrever a casa do farmacêutico Vieira Gonçalves, Lycídio Paes realiza um deslocamento virtual da mesma, contrapondo-a à existência real de uma outra casa que ainda se mantém, não tendo sido ainda destruída pela picareta demolidora.

Ao evocar as lembranças da casa acrescentamos valores de sonhos, afirma Bachelard, “nunca somos verdadeiros historiadores, somos sempre um pouco poetas e nossa emoção traduz apenas, quem sabe, a poesia perdida” (BACHELARD, 1974, p.359).

Drummond em uma crônica denominada “Debaixo da ponte” realiza a inversão dos sonhos ao abordar uma não-casa, ele diz: “até o ar é uma casa, se soubermos habitá-lo, principalmente o ar da rua” (ANDRADE, 1996, p. 896).

A casa é um poderoso elemento de integração do pensamento, das lembranças e dos sonhos dos homens. Mas, afirma ainda Bachelard: “só quando já se passou pela vida é que se venera uma imagem descobrindo suas raízes além da história fixada na memória. No reino da imaginação absoluta, somos jovens muito tarde” (BACHELARD, 1974, p.376).

Lycídio Paes comenta:

Uma casa velha, com sua proscricção entre a arquitetura que inova as ruas, tem impactos evocativos, principalmente para os que, como eu estão descendo a encosta da montanha e atingindo o vale do lado onde se mergulha para nunca mais voltar à tona (PAES, 1969, p.3).

No *Dicionário de Símbolos* de Chevalier e Geerbrant, a casa pode ser compreendida para além dos aspectos arquitetônicos. Os sentidos ali produzidos podem ser relacionados à fantasias, alusões, imagens. Segundo esses autores a psicanálise reconhece diversas significações para os sonhos com casas. O seu exterior é visto como a máscara ou aparência do homem; o telhado é a cabeça ou o espírito e também a consciência; os níveis inferiores são o inconsciente e os instintos; a cozinha é o espaço das transformações alquímicas e psíquicas. Os próprios movimentos dentro da casa podem ter vários significados como descer e subir, ou seja, estagnar ou evoluir materialmente ou psiquicamente (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1993, p.197).

Ampliando essas significações, conforme Wally et al. : “a casa pode ser vista como um lugar sagrado, como a morada dos deuses, como a possibilidade de recuperação da infância, mas também como metonímia da cidade; é o centro do universo ou o espaço original da constituição do ser” (WALLY et al, 2000, p.103).

Diante dessas referências como descobrir essas raízes, num tempo em que cada vez mais não o observamos transcorrer? A tendência das casas na cidade moderna é existirem virtualmente, no pensamento e nos sonhos, não como concreta e realmente desejamos para estimular nossa memória.

Mas, ainda assim, como entende Bachelard:

a casa nos ajuda a dizer: serei um habitante do mundo, apesar do mundo (...) Nessa comunhão dinâmica do homem e da casa, nessa rivalidade da casa e do universo, estamos longe de qualquer referência às simples formas geométricas. A casa vivida não é uma caixa inerte. O espaço habitado transcende o espaço geométrico (BACHELARD, 1974, p.385).

O homem, esse habitante do mundo, é também lugar de memória, mas uma memória que existe em relação ao coletivo. Como afirma Halbwachs:

Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios (HALBWACHS, 1990, p.51).

O cronista, durante um passeio pela cidade, observa suas transformações. Tem consciência das mudanças, passou por elas e pôde acompanhá-las. Sabe quais casas restaram, conhece ou conheceu seus moradores, reflete sobre os seus sentimentos em relação àquele local. Denuncia a necessidade do progresso destruidor de alterar aquele espaço em nome da reconstrução, do novo.

Nesse sentido, Lycídio Paes utiliza-se de sua memória para narrar sobre o significado da presença das casas e dos seus habitantes nas ruas de uma cidade que se modifica e se redefine. Essas casas, e esses homens compõem o seu meio social e estabelecem, com o cronista, relações de contato que podem ser públicas ou íntimas.

Halbwachs considera ainda que atribuímos a nós mesmos sentimentos, idéias ou reflexões que, na verdade, foram inspiradas pelo nosso grupo. Lycídio Paes, certamente,

reflete sobre idéias e sentimentos de um grupo social, ou parte dele, que também, naquele momento, sente esvaír uma memória de personagens ilustres, como Vieira Gonçalves - “inexplicavelmente esquecido pelas novas gerações”.

No entanto, o que o cronista pode fazer nesse sentido? Se, por um lado, ele se sente impotente diante da inevitabilidade do progresso e da urgência do novo, sente-se também apto a tecer considerações sobre os fatos com as armas que lhes são peculiares: a palavra e o jornal.

É, nesse instante, que o jornal pode ser considerado um lugar de memória, mesmo que efêmero. Para o historiador Pierre Nora (1979), a chamada “aceleração do tempo”, que aconteceu principalmente no século XX, é resultado de mudanças incessantes, que se vão processando desde o momento em que o homem, através das revoluções modernas, imprime uma nova forma de se relacionar com o tempo e o espaço.

Pierre Nora cita, entre esses momentos, pertencentes ao que ele define como “mundialização” – a realização das guerras totais, a rapidez dos meios de comunicação. É a partir daí que o vivido se impõe como história. O jornal e os *media*, em geral, são responsáveis por isso.

Ao utilizar-se do jornal como espaço para reflexão sobre um acontecimento: a destruição das casas velhas para construção de novas, Lycídio Paes delinea um fato e imprime-o como parte de uma memória. Podemos, a partir de sua crônica, perceber que a cidade se transformou que homens foram esquecidos e suas casas destruídas, tudo em nome do progresso.

Aprendemos com Ítalo Calvino que “as cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor do seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondem uma outra coisa” (CALVINO, 1990, p. 44).

Em outra crônica, esta da década de 1930, Lycídio Paes exaltava esse mesmo progresso, mas por uma outra perspectiva. O título da crônica era “Os campeões do progresso” na qual se referia a um edifício em construção na Av. Afonso Pena para abrigar um cinema. O cronista enfatiza o fato de que os grandes empreendimentos, em geral, têm como objetivo vultuosos resultados, em suas próprias palavras: “*Das tentativas arrojadas e que tanto podem ser fontes da nababesca e*

rápida prosperidade, como de fracasso irremediável, derivam as transformações e as grandes fortunas particulares”(PAES, 1937, s/p).

Na linha de empreendedores o cronista cita Joaquim Marques Pova que construiu o Grande Hotel, sem ter no início grandes lucros. Outra obra arrojada na apreciação de Paes foi o Cine-Avenida que tem, no final da década de 1930, lotação deficiente para a platéia uberlandense.

Esses homens de negócio, quando alcançam horizontes dilatados e quando compreendem a finalidade da cédula monetária, são o dinamismo que, acionado pela inteligência, move com rotação anormal o mecanismo coletivo. Às vezes as peças resistem ao atrito da ultravelocidade, e os efeitos são os que Uberlândia apresenta há algum tempo; às vezes o aço com que são fabricadas as engrenagens não suporta o excesso, e então os mancais cedem, os eixos entortam-se e a madeira decompõem-se: são as cidades em decadência. Exaltemos, como merecem, os mecânicos atrevidos que, como Marques Pova e Aníbal Saglia, possuem a coragem de fazer o motor girar até o extremo de sua capacidade (PAES, 1937, s/p).

Os anos de 1950, porém, aparecem nas crônicas de Lycidio Paes como o momento das transformações mais sensíveis do espaço da cidade. Na crônica “Reminiscência” de 1954 o autor historia a formação da hoje nomeada Praça Tubal Vilela. Em 1922 a chamada Praça da República era apenas um extenso campo de areia onde alguns carroceiros extraíam a substância para vendê-la a construtores de pequenas obras. O cronista lembra-se que um desses carroceiros apelidado de Simões, chegou mais tarde a ser proprietário de diversos prédios, dentre eles a Pensão Lisboa, na Av. Floriano Peixoto. Posteriormente a praça foi coberta por bambus, que deram à mesma uma característica bucólica já que atraía a passarada divertindo os habitantes da vizinhança.

De um lado da praça estava a residência do magistrado Duarte Pimentel de Ulhôa, de outro Antônio Santa Cecília, que contemplava “do alpendre do seu solar, com olhos saudosistas, os efeitos do progresso, envolvendo nas dobras das suas vantagens o contraste melancólico da distância em que a mocidade via se colocando à retaguarda”(PAES, 1954, p.1). Na gestão do prefeito Vasco Giffoni a praça dos bambus desapareceu dando lugar a um imponente jardim. Ainda nessa mesma crônica

o autor utiliza-se de uma imagem bastante interessante para referir-se às alterações desencadeadas no espaço urbano no século XX:

E representa bem uma reminiscência sentimental para os uberlandenses que viviam pelo terceiro decênio deste século vertiginoso, que muda de cenário e de sensações emotivas com a velocidade das projeções cinematográficas na brancura reflexa da tela (PAES, 1954, p.1).

Essas transformações também são citadas numa das crônicas de L. Paes quando fala do retorno de Grande Otelo à cidade de Uberlândia onde nasceu:

Naturalmente encontra uma cidade bem diferente daquela que fruía nos seus dias de infância. Já foi demolido o prédio escolar onde estudou as primeiras lições; já desapareceu a choupana onde se abrigava e com ela a sua avó Silvana, a quem deve os carinhos e a ternura que não são menos preciosos nem menos adoráveis por derivarem da humildade; já não se observam nas tardes de verão os cometas, na porta das hospedarias, que lhe proporcionavam pequenas moedas a troco das cantigas que sua ingenuidade articulava revelando uma pressentida vocação (PAES, 2002, p. 23).

Nesse pequeno trecho a idéia de transformação do espaço se faz presente: a cidade não é a mesma da infância do ator, o prédio escolar onde estudava foi demolido, a choupana onde vivia com a avó no qual o Otelo recebeu a ternura e carinho já não existe mais. O espaço vivido não é mais o mesmo, nem as relações sensíveis estão mais ali. O que resta é a recordação explícita na crônica de um jornalista que assistiu criticamente as alterações que a cidade sofreu.

Este é um recurso comumente utilizado pelo cronista, que como um *flâneur* observa as transformações do espaço urbano, como na crônica intitulada “Assunto de crônica”:

Quando subia filosoficamente a avenida Floriano Peixoto, às primeiras horas da tarde de quarta-feira, encontrei precisamente confrontando com o grande portão que dá acesso ao velho prédio que por muitos anos serviu à Santa Casa de Misericórdia e que hoje, sendo de propriedade particular, destina-se, ao que suponho, a depósito de mercadorias, a minha espirituosa amiga dona Hermengarda... (PAES, 2002, p. 220).

Outra abordagem do cronista em relação ao espaço da cidade é também sua relação com o campo. Na crônica “A cidade e a roça” o tema é o êxodo rural, a substituição do trabalhador rural por aparelhos mecânicos. Segundo o autor na cidade alguns desses

trabalhadores conseguem se adaptar e obter êxito, outros, porém, não o conseguem e aí “expressa-se o drama de famílias expostas à vicissitudes e privações inarráveis, fundando favelas e mocambos” (PAES, 1965, p. 3).

Lycídio Paes acredita que se fossem dadas comodidades para que o homem do campo ali permanecesse esse problema seria evitado, e confessa:

se pudesse residiria na roça, numa casa com as modestas dependências da minha e mais os recursos fáceis da comunicação, preferiria esse bucolismo, não obstante falta-me toda a capacidade de arar a terra e dirigir o plantio dos cereais(...) (PAES, 1965, p. 3-5).

Lycídio afirma não querer mudar de profissão, mas acredita em uma reviravolta nesse processo, ou seja, os trabalhadores voltando ao campo e esvaziando as cidades.

Considerações finais

Como observamos na análise de algumas crônicas de Lycídio Paes o espaço da casa, da praça, das ruas da cidade, de alguns prédios públicos, do cinema, da pensão, são fontes de estímulo para se pensar a cidade em sua constituição espaço temporal. Novos delineamentos da cidade demonstram sua vocação para o “progresso”, mas também o risco de perda da memória arquitetônica, dos seus habitantes e das relações ali estabelecidas.

O espaço da memória é também o lugar dos encontros, das sociabilidades. As funções dos prédios, das casas, da cidade se alteram, e o cronista filosofa sobre isso. No entanto, ainda restam, no registro escrito das crônicas, como pudemos observar nos textos aqui citados, outras possibilidades de interpretação, aproximação e desvelamento desses espaços.

Referências

ANDRADE, C. D. de. **Farewell**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BACHELARD, G. A poética do espaço. In: **Os pensadores**. Henri Bergson; Gaston Bachelard. São Paulo: Ed. Abril, 1974.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTELO BRANCO, P. V. A casa: lugar de afagos e conflitos. **Opsis** – Revista do Curso de História da UFG/CAC, Catalão, v. 8, n.11, p. 77-93

CHEVALIER, J; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo. Vértice: Ed. Revista dos Tribunais, 1990.

NORA, P. O retorno do fato. In: LE GOFF, J.; e NORA, P. **História: novos problemas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

PAES, L. Os campeões do progresso. **O bandeirante**. Ano 1, n. 12, 1937

PAES, L. Reminiscência. **Correio de Uberlândia**, 09/06/1954, p.1

PAES, L. Modos de subir. **Correio de Uberlândia**, 16/03/1958, p.2-3.

PAES, L. Homens e Casas. **Correio de Uberlândia**, 25/05/1969, p.3.

PAES, L. **Brevidades: crônicas**. Santos, R. M. dos. (Org.).São Paulo: Educ/ Oficina do Livro, 2002

WALTY, I. L. et al. **Palavra e imagem: leituras cruzadas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.